

22 AGO 1985
JORNAL DO BRASIL

Caça ao Tesouro

ESTA semana, em seu primeiro dia de esforço concentrado, a Câmara Federal alcançou finalmente quorum para a sessão vespertina. Mas o que motivou a afluência de deputados — inusitada na presente fase da vida do Congresso — não foi nada que dissesse respeito ao interesse da nação. O interesse a atender, no caso, era o dos vereadores que lotavam as galerias e transitavam pelo plenário em mangas de camisa, exigindo aos gritos um aumento de 200% em sua remuneração.

O projeto que tramita na Casa, ampliando de 3% para 4% o montante da receita municipal destinado ao pagamento dos vereadores — modificando, ainda, benevolente o critério de cálculo —, era o último item na pauta da sessão. Pelas normas, não havia como tirá-lo de lá. Entretanto, ante a vacilação do Sr Ulysses Guimarães em impor a sua autoridade de Presidente, violou-se o regimento a fim de trazer a matéria para o primeiro lugar.

Aliás, no tocante a regimentos, sofreria menos a imagem do Congresso se de uma vez por todas os declarasse inexistentes, tantas são as violações que cada dia sofrem. O pagamento dos jetons aos faltosos, como o país inteiro já sabe, além de transformar em letra morta um artigo da Constituição, é uma irregularidade regimental. Como é irregular a recepção, pelas Mesas, de emendas apresentadas fora do prazo e sem o número mínimo de assinaturas. Ou com assinaturas repetidas, o que caracteriza a entrada em cena, ao lado dos "tocadores de piano", de parlamentares que assinam com pantógrafo.

Nessa constrangedora sequência de irregularidades o pior é a ausência de vontade dos líderes parlamentares para pôr cobro aos escândalos, manipulações e truques rasteiros. Sua conduta é errática e sem firmeza. O Presidente do Senado vem um dia anunciar o corte dos jetons para se desdizer apenas algumas horas mais tarde. Seu colega da Câmara Federal apenas tangencia o problema com medidas protelatórias. Tem poder para pôr ordem na casa, porém se recusa a exercê-lo.

Perdendo sustentação como uma aeronave desgovernada, o Congresso poderá chegar ao fim da atual sessão legislativa numa situação de isolamento talvez sem precedente em sua história. É difícil imaginar como a dignidade inerente ao Legislativo possa resistir à falta de vocação cívica de tantos dos seus integrantes. Esses abalos preocupam — e muito — os cidadãos conscientes do perigo que há para o regime democrático na rarefação política da instituição que melhor deveria encarná-lo.

Desse Congresso que dá as costas às críticas da opinião pública, mas não resiste à pressão de uma claque de vereadores, muito pouco sobrará para a constituição daquele que proximamente o vai suceder. A sua renovação está prevista em cerca de 70%. O que não preencherá de todo as expectativas da sociedade, mas será um consolo para os que hoje se espantam com a teimosia de muitos congressistas em exercer seus mandatos como se explorassem predatoriamente uma jazida de ouro particular.